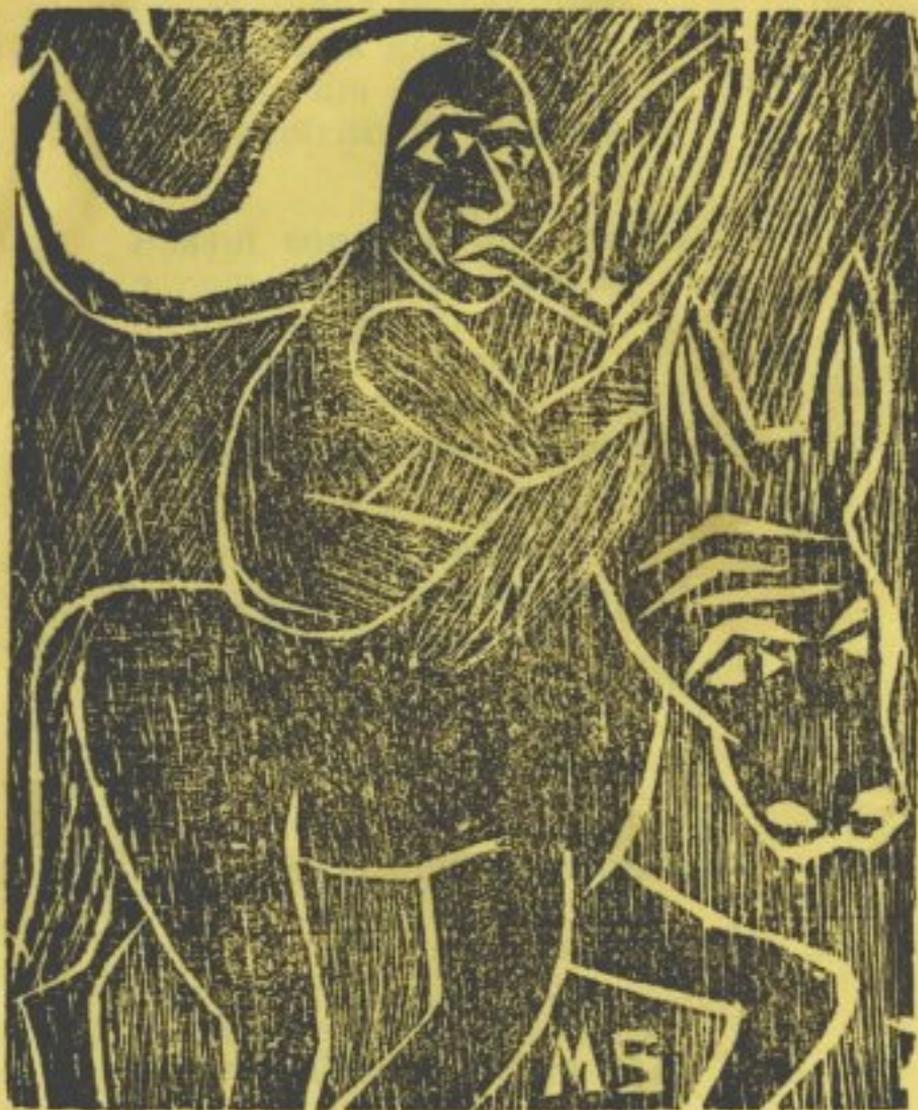


- Autor: Gonçalo Ferreira da Silva -

LENDA DO SACI PERERÊ



Lenda do Saci Pererê

GONÇALO FERREIRA DA SILVA

Quem conhecer um Saci
conservará na lembrança
um moleque brincalhão,
peralta que não se cansa
ou seja: um gênio lendário
com espírito de criança.

Possui somente uma perna
e com ela sobe e desce
num corropio de vento
ele vem, desaparece
e volta a aparecer
quando o corropio cresce.

Aprecia fazer todos
os tipos de brincadeira,
gosta de apagar fogo
sem ter fervido a chaleira
e depois fica mangando
da cara da cozinheira.

Que nossos óculos sumiram
temos a idéia clara
procuramos, vasculhamos,
nós aborrecemos para
constatar-mos que o instrumento
se encontra na nossa cara.

Trata-se de um negrinho
ágil, astuto, atrevido
não faz nada por maldade
é somente intrometido
possui um sorriso eterno
zombeteiro e divertido.

Pra se pegar um Saci
dizem que é necessário
além de uma peneira
não bento ainda um rosário
dar três nós em uma palha...
segura o gênio lendário.

Gosta de fumar cachimbo
e seus entretenimentos
são assustar as mulheres
a sós em seus aposentos
pedir fumo aos viajantes
esturricar alimentos.

Usa uma carapuça
como outra igual não há.
Há três tipos de Sacis
e os três tipos que há
são o Saci Pereré
Saci Trique e Sacurá.

Procura-se objetos
e o Saci escondendo
com seus artificios mágicos
nós estamos percebendo
no entanto até juramos
que não os estamos vendo.

Era uma vez uma velha
que antes de se deitar
preparava três cachimbos
o primeiro pra fumar
no fim de seus afazeres
e antes de se deitar.

O segundo ela pitava
em paz e tranquilidade
o terceiro ela guardava
em certa localidade
porém quando ia buscá-lo
estava pela metade.

A velha imprecionada
estupefata dizia:
—Eu não vejo entrar ninguém
nesta humilde moradia
porém jurou que o intruso
um dia descobriria.

Certo dia palestrando
com sua amiga Araci
contou-lhe o que se passava
esta lhe disse: — Jaci
o que você me diz são
travessuras do Saci.

Na minha casa ele bole
em bolso de paletó
as vezes apaga o fogo,
remexe no caritô
não faz medo, no entanto
nem gosto de dormir só.

Disse Jaci: — Fique certa
ele não mais me humilha
porque vou armar um truque
que é uma maravilha
aposto como ele vai
cair na minha armadilha.

Assim no dia seguinte
ela cuidadosamente
botou pólvora no cachimbo
depois disfarçadamente
completou com fumo a
parte de cima somente.

Pra cada tipo de coisa
outro tipo de receita
pegou o cachimbo e pôs
numa tabuleta estreita
antegozando o desfecho
permaneceu na espreita.

Tardo o astuto Saci
chegou sorrateiramente
não vendo o cachimbo onde
via costumeiramente
olhava interrogativo
esmiuçadoramente.

Já decepcionado
da procura cansativa
quando menos esperava
teve aquela impressão viva
de ver o cachimbo em
posição convidativa.

Não disfarçando um sorriso
teve a fraca inspiração
de acender o cachimbo
sem usar de precaução
e recebeu aturdido
a ruidosa explosão.

Apavorado o Saci
desapareceu dali
daquele instante em diante
não se viu mais o Saci
deixando na santa paz
o lar de dona Jaci.

Como a lenda é criação
de fecundo pensamento
pra quem ouve contar serve
de doce entretenimento
outros corações desperta
um infantil sentimento.

A lenda é como a miragem
que o visionário assiste
existe mas não se nota
ou se nota e não existe
portanto é numa miragem
que a lenda se consiste.

F I M

DESTINO GUENZO

Havia um agricultor
que trabalhou com amor
superando a própria dor
vencendo vicissitude
transpondo mil impecilhos
mas seguindo honrados trilhos
com a mulher e os filhos
num casebre agreste, rude...

Como se o pai divino
disse para Cristino:
-- É no dorso do destino
que andarás escanchado
existe no teu futuro
um intransponível muro
implacavelmente duro
que não será superado.

Seus filhos foram à cacimba
levando faca e marimba
mas por pintura ou catimba
do maldito caviloso
o muro braco ruiu
e o menino caiu
rapidamente imergiu
ao fundo escuro lodoso.

O menor aperrado
volta pra casa apressado
pra dizer que afogado
deixara seu pobre irmão
com a respiração fraca
ao pular sobre uma estaca
caiu em cima da faca
ficando morto no chão.

Ouvindo o grito a mãe corre
no entanto enquanto socorre
é tarde o menino morre
pois fora grave a ferida
enquanto este agonizava
ela à cacimba chegava
onde o primeiro arrancava
o último sopra de vida.

A pobre mãe tresloucada
volta pela mesma estrada
chegando a tosca morada
quase que perde o sentido
pois o caçulinha ativo
que tinha deixado vivo
por um estranho motivo
também tinha falecido.

(Continua)

Cristino em dado momento
teve um estremecimento
com ele o pressentimento
de tragédia consumada
lhe gelou o coração
aquela desolação
os filhos mortos no chão
e a mulher desmaiada.

Enclinando-se indeciso
com movimento impreciso
pegou no cabelo liso
da esposa e se ergueram...
os dois ficaram abraçados
com os joelhos dobrados
e ambos ajoelhados
junto dos filhos morreram.

Gonçalo Ferreira da Silva